

# Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos



Eurico Fernandes Monteiro  
Membro do Colégio da Especialidade de ORL

## O ENSINO DA ONCOLOGIA

Encarregou-me a Direcção do Colégio da Especialidade de Otorrinolaringologia de abordar o tema do "Ensino da Oncologia" no Internato Complementar da Especialidade.

Entendo que não deveria ter sido eu a pessoa escolhida para abordar este tema, pois, involuntariamente, poderei cair na tentação de fazer juízo em causa própria.

Contudo, os vinte anos que me separam desde o início dos primeiros contactos com esta área, levam-me a conseguir ter uma visão crítica do que tem sido, e, no futuro deveria ser a oncologia entre nós.

Portugal, embora sendo um País pequeno, tem uma relevante incidência de patologias oncológicas na área ORL.

Quando iniciámos a nossa formação, era a época das grandes cirurgias ablativas, e, os cirurgiões afirmavam-se pela agressividade técnica, e, pela sua capacidade de efectuar largas exéreses e complexas reconstruções. Nesse período, no local onde iniciei os primeiros contactos com a oncologia, era já praticada a multidisciplinaridade e a complementaridade terapêutica, alicerçada em fundamentos científicos hoje mais clarificados, mas que, à altura, trouxe óbvias vantagens à nossa formação, e, à orientação terapêutica dos doentes. Mais recentemente, o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas, baseadas em fármacos de comprovada eficácia em determinadas patologias, e, em novas técnicas de fornecimento das radiações, vai progressivamente fazendo com que a cirurgia passe a ficar reservada para os insucessos daquelas moda-

lidades terapêuticas, utilizadas isoladamente ou em associação.

A crescente disponibilização de novos meios tecnológicos, e, o recurso a técnicas minimamente invasivas, veio dar um novo fôlego à cirurgia, subalternizando-se também aqui, por vezes, a eficácia terapêutica, em detrimento de uma menor agressividade técnica e de uma melhor qualidade de vida, aspectos tão ao gosto dos doentes.

Acresce a estes factos, uma maior eficácia e uma menor toxicidade dos esquemas de quimio e ou radioterapia, com resultados aparentemente aliantes, mas ainda não correctamente e desapaixonadamente analisados. Contudo, e apesar do recurso a todas estas modalidades terapêuticas, as taxas de sobrevivência global e livre de doença não têm melhorado ao longo dos anos.

Mas, qual a repercussão que esta nova visão dos tratamentos oncológicos irá trazer para o ensino da oncologia durante o Internato Complementar?

A inexistência de uma rede de referência em oncologia é flagrante no nosso País, e, esta lacuna, vem sendo aproveitada pelas Instituições Hospitalares, umas para se descartarem dos tratamentos oncológicos, outras para orientarem e tratarem doentes oncológicos sem recursos adequados, e ainda, para se permitir o lançamento de alegados "Centros Oncológicos", geralmente dotados de excelentes recursos técnicos, mas sem quadros clínicos adequados.

Entre nós, esta deturpada visão da oncologia, antagónica aos princípios mais elementares de tratamento des-

tas patologias, tem-se revelado desastrosa, transportando o nosso País para os derradeiros locais do "ranking" da prática oncológica mundial.

Assim, e, tendo por base as considerações anteriores, considero essencial que todos os Serviços envolvidos na formação de Internos Complementares, se empenhem para que a formação generalista dos futuros Especialistas, seja feita no estrito respeito pelos princípios da multidisciplinaridade, das boas práticas terapêuticas, e, da criteriosa análise dos resultados.

Para tal, é fundamental que os Internos Complementares, sejam estimulados a aprender os princípios oncológicos gerais, e, lhes seja facilitado o contacto com as técnicas cirúrgicas oncológicas básicas da especialidade, recorrendo se necessário à frequência de centros diferenciados. Só após um adequado domínio das técnicas cirúrgicas básicas, e, num estrito respeito pelos princípios oncológicos fundamentais, se deveria permitir a diferenciação em domínios mais específicos da oncologia.

Esta progressiva diferenciação técnica, dará autonomia e segurança aos futuros profissionais, permitindo-lhe efectuar actos cirúrgicos com maior eficácia, resolver adequadamente as complicações, e, analisar cientificamente os resultados.

A rápida proliferação de meios técnicos, muitos deles adequados à prática oncológica, poderá, num futuro próximo, e, caso não sejam tomadas medidas por parte dos orientadores de formação, enviar a diferenciação cirúrgica, aliciando

os mais jovens a iniciar por aqui a sua formação, descurando todo um percurso formativo global, tão essencial a quem pretenda obter um perfil cirúrgico.

Finalizo, alertando as gerações de jovens Especialistas, para que sejam exigentes com a sua formação, zelando pela diversificação de áreas e pela diferenciação técnica, regendo-se por princípios de rigor humano e científico, e, pelo estrito respeito pelo cumprimento de metas e objectivos, sem contudo descurar a ambição, tão essencial ao progresso e à diferenciação técnica.

Só assim, e, num futuro que esperamos seja próximo, poderemos contar com gerações de técnicos capazes de fazer com que a nossa Especialidade seja reconhecida, e, não sistematicamente espoliada de áreas, e, o nosso País, também no campo da prática oncológica, saia dos derradeiros lugares em que actualmente se encontra.